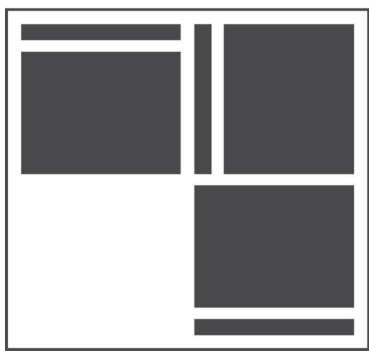




# JORNAL da ANE

Associação Nacional de Escritores

ANO XVI nº 127, novembro/dezembro — 2024



## “AINDA ESTOU AQUI”, DE MARCELO RUBENS PAIVA

Arnaldo Godoy

Muita gente assistindo ao filme *Ainda estou aqui*. Muita gente. Muita gente mesmo. Aqui em Brasília, tenho amigos que tentaram ver o filme algumas vezes e que não conseguiram ingressos. O fio condutor da fita (como se dizia antigamente) é a prisão, tortura e desaparecimento do engenheiro Rubens Paiva, deputado cassado em 1964. O tema é o horror da ditadura militar. Um tema que não podemos esquecer. A ditadura já foi envergoadada, escancarada, derrotada, encurralada e acabada – são os cinco livros de Élio Gaspari –, mas que não pode ser esquecida. O filme é pedagógico.

O filme é dirigido por Walter Salles, com insuperáveis atuações de Fernanda Torres e de Selton Mello. Fernanda Montenegro aparece no fim, protagonizando a brava filha, Eunice (esposa de Rubens Paiva), quando o Alzheimer já lhe alcançava a quarta fase, na classificação de Dráusio Varella. O olhar de Fernanda/Eunice foi tratado em sublime crônica do roteirista Renato Terra, publicada na *Folha de São Paulo*: o autor realçou um olhar que anuncia a iminência de uma tragédia, que é recorrente em tempos de violência política.

Percebi algo que nunca vi em mais de 50 anos de obsessão por cinema. O filme se encerra. Segue aplauso tímido, e logo mais, frenético. Ninguém se movimenta. Ninguém se mexe na cadeira. Ninguém quer ir embora. Há muita gente com lágrimas nos olhos. Eu desatei a chorar na cena da foto familiar de fim de ano, quando Eunice já não reconhecia ninguém. Me tocou um anelo de harmonia familiar, que me parece ser o que sempre perseguimos, e quase nunca alcançamos. Uma sufocante sensação de desamparo.

O filme tem cenas tocantes. Os irmãos discutem quando enterraram o pai, cujo cor-

po nunca apareceu. O atropelamento do cachorro e a reação de Eunice com os “agentes de segurança” que não saíam de frente de sua casa. O guarda que na cadeia diz que queria que ela soubesse que ele não concordava com tudo aquilo que estava vendo. Marca o espectador também quando Eunice vê o carro da família (um Opel vermelho) no estacionamento do presídio. A insinuação de Rubens Paiva de que o embaixador suíço sequestrado não estava sendo violentado; fumava charutos...

A recreação do Rio de Janeiro em 1971 é muito bem-feita. Estive uma vez na Belmiro Gouveia, 80, no Leblon, onde viviam. Depois que se mudaram houve ali um restaurante suíço muito badalado. Depois, hoje, um prédio. Tenho a impressão de que a areia da praia vem diminuindo, e confirmei isso lendo Marcelo.

Há muitos fuscas, corcéis, karmann-ghias, belinas, dodge-darts, e todos aqueles carros do tempo em que no Brasil conseguíamos saber quais eram todos os carros. Tenho a impressão de que vi uma Honda 125 ano 1970, que é anterior à Honda CG 125, a motoquinha mais querida de nossa história de duas rodas. Os figurinistas vão bem, roupas, penteados e cores batem com o tempo retratado; já os cenógrafos e decoradores de set cometem um pequeno deslize: o leitor já percebeu como os carros estão sempre limpinhos e reluzentes em filmes de época? Parece que saíram da concessionária revendedora, naquele exato momento. Eu sou daquele tempo e havia sempre carro sujo e enlameado na rua, como hoje.

O filme é baseado em livro de Marcelo Rubens Paiva, com título homônimo, que tenho aqui comigo na edição da Alfaguara. Minha geração leu Marcelo, com entusiasmo, desde *Feliz ano velho*, publicado em 1982.

Nesse livro tem-se uma tragédia pessoal, e uma superação. Num salto em um lago raso, Marcelo ficou tetraplégico. Firmou-se como um dos melhores escritores brasileiros contemporâneos. Li tudo que escreveu. Meus preferidos são *As verdades que ela diz*, *Não és tu, Brasil*, *E aí, comeu?*, *Bala na agulha*, *A segunda vez que te conheci*, *Do começo ao fim*, *Malu de bicicleta*, entre tantos outros. Levou o Jabuti por *Feliz ano velho*, que li em algum lugar ter sido o livro brasileiro mais vendido na década de 1980. Vale a pena uma releitura.

O filme é uma adaptação livre (e em certa medida bem fiel) da versão em forma de livro. A leitura desse último, no entanto, é fundamental para que liguemos os pontos e arestas do filme. A impressão que tenho (e posso estar errado, na maioria das vezes erro) é que a narrativa do livro é mais centrada na mãe (Eunice) do que no pai (Rubens). O autor parece que transcendeu o desaparecimento do pai e que, naquele momento (o livro é de 2015), estava mais preocupado com a doença que derrubou a mãe.

Na essência, é um livro de memórias, e Marcelo é um dos grandes memorialistas brasileiros, ao lado de Gilberto Amado, Zélia Gattai, Pedro Nava, Érico Veríssimo. Tem muita

Continuação na página 3

## ESTUDOS SOBRE JORGE AMADO

Enéas Athanázio

► PÁGINA 4

# SAUDAÇÃO DE HEITOR MARTINS A ANDERSON BRAGA HORTA PELOS 90 ANOS DO POETA

Anderson:

Ontem foi um dia, para mim, de algo muito agradável: a homenagem a um amigo muito merecedor.

Passei a mensagem para Marlene e ela me pediu que, ao lhe escrever, ela quer participar, junto comigo, de nossa inscrição nesta homenagem.

Na vida cultural da capital da República ninguém merece mais esta homenagem do que quem há tantos anos luta para que ela seja uma realidade. Fundador de tantas associações culturais e autor de tantos livros significativos e ganhador de tantos prêmios de que a vida cultural de Brasília se orgulha, esta homenagem é um resumo laudatório do que se faz nesta área na capital da República.

Agora mesmo, arranjando minha tralha, encontro um volume da série bilingue da Biblioteca do Cidadão, O Livro na Rua, com a indicação de que se trata de um incentivo à leitura. E pelas citações vê-se que é bem isto, com a partilha do trabalho com nomes como o de Curt Meyer-Clason e Guimarães Rosa e

nosso comum amigo, o Victor Alegria, editor. Na simplicidade de sua apresentação gráfica está também a marca de que a ela, nossa cultura, toda uma vida foi dedicada.

Estar assistindo agora a esta merecida homenagem nos orgulha também e muito.

Queremos, eu e Marlene, trazer para ela nossa presença DE QUEM ESTÁ LONGE FISICAMENTE MAS ESPIRITUALMENTE TÃO PERTO.

Com os melhores votos de que tudo continue, para maior orgulho de nossa cidade e nosso país.

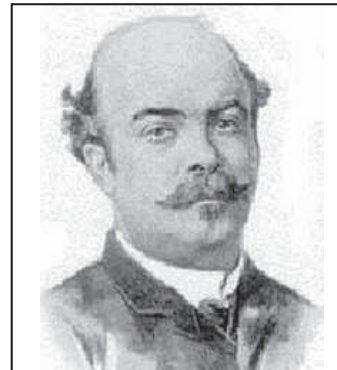
À parte: eu queria também parabenizá-lo por entrar agora em nossa pequena sociedade, a dos nonagenários (tenho 91 anos), para esperá-lo na porta de outra que nos espera, tendo ao nosso lado Célia e Marlene, a dos centenários.

Com o abraço de sempre, meu e de Marlene, para você e Célia,

Abs.

Heitor

## Soneto do Mês



### O FILHO

*Luiz Guimarães Júnior*

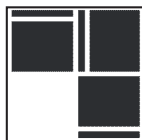
A vida dele era uma gargalhada,  
a vida dela um pranto. Ela chorava  
sob o cruel trabalho que a matava,  
ele ria na tasca enfumaçada.

Jamais nos lábios dela a asa doirada  
de um sorriso passou; jamais na cava  
e horrenda face dele resvalava  
sequer de um pranto a pérola nevada.

Mas Deus, que deu à entranha de Maria  
o redentor dos homens, Deus lhes fez  
uma esmola: – Deus fê-los pais um dia;

e, enfim, beijando ao filho os níveos pés,  
pela primeira vez ela sorria  
e ele chorou pela primeira vez.

(Seleção de Napoleão Valadares)



**Associação Nacional de Escritores**  
www.anenet.com.br

SEPS EQS 707/907 Bloco F – Edifício Escritor Almeida Fischer  
CEP 70390-078 – Brasília – DF  
Telefones: (61) 3443-8207 / 3242-3642  
E-mail: contato.anedf@anenet.com.br @associacaonacionaldeescritores

31ª DIRETORIA  
2023-2026

**Presidente:** Fabio de Sousa Coutinho  
**Vice-Presidente:** Roberto Rosas  
**Secretária-Geral:** Sônia Helena  
**1º Tesoureiro:** Gilmar Duarte Rocha  
**2º Tesoureiro:** Arioaldo Pereira de Souza

**Diretora Cultural:** Sandra Maria  
**Diretor de Edição e Divulgação:** Anderson Olivieri

**Conselho:** Anderson Braga Horta, José Carlos Coutinho,  
Edmilson Caminha, Napoleão Valadares, Danilo Gomes,  
Kori Bolivia e José Peixoto Jr.

JORNAL da ANE nº 127 – novembro / dezembro 2024

**Editor**

Anderson Olivieri  
(Reg. FENAJ nº 2887)

**Revisão**

Napoleão Valadares

**Conselho Editorial**

Anderson Braga Horta, Sônia Helena,  
Anderson Olivieri e  
Fabio de Sousa Coutinho  
**Programação Visual**  
Rosângela Trindade e Cristina Cardoso

**Impressão:** Editora Otimismo Ltda.

SIBS Qd. 03 - Conj. C - Lt. 26 - N. Bandeirante, Brasília-DF - CEP: 71736-303  
(61) 98626-2636 - 3386-0459 - grupoeditoraotimismo@gmail.com

Toda colaboração não solicitada será submetida ao Conselho Editorial.

# IVAN aos 90

Fabio de Sousa Coutinho

**E**m 3 de novembro de 1934, veio ao mundo um dos maiores poetas brasileiros de nossos tempos, Ivan Junqueira. Em 3 de julho de 2014, a exatos quatro meses de completar 80 anos, o formidável vate, ensaísta e tradutor nos deixou, depois de amargar penosa internação hospitalar, em sua cidade natal.

O carioca Ivan sempre viveu na Cidade Maravilhosa, onde foi estudante de Medicina e de Filosofia, além de haver-se iniciado no jornalismo em periódico, a célebre *Tribuna da Imprensa*, que gozou de seu maior prestígio na década de 1950. Mas foi na de 1960 que Ivan Junqueira se lançou como poeta, iniciando uma carreira literária que, ao lado da tradução de poesia, da organização de edições e do ensaísmo, viria trazer-lhe a consagração em 2000, ano de sua eleição para a Cadeira nº 37 da Academia Brasileira de Letras, na sucessão do grande João Cabral de Melo Neto. *Os Mortos*, de 1964, foi o primeiro livro de poemas de Ivan, a ele seguindo-se, entre outros, *Três Meditações na Corda Lirica*, de 1977, *A Rainha Arcaica*, de 1980, *O Grifo*, de 1987, e o espetacular *A Sagração dos Ossos*, de 1994,

que, no ano seguinte, lhe valeu seu primeiro prêmio Jabuti. O segundo foi conquistado em 2008, com *O Outro Lado*, que viera a lume no ano anterior.

A pena do Ivan Junqueira ensaísta costura um culto e elegante artesanato textual, refletido em livros como *O Signo e a Sibila* (1993) e *O Fio de Dédalo* (1998), esplêndidas coletâneas de ensaios ingleses, alemães, franceses, gregos e portugueses. Além da poesia e do ensaísmo de escol, Ivan é reconhecidamente um dos mais completos tradutores de autores fundamentais nas literaturas produzidas em idiomas de ponta, no cenário mundial. Para exemplificar, são de Ivan Junqueira traduções definitivas de obras de T.S. Eliot (*Quatro quartetos*), Charles Baudelaire (*As flores do mal*), Jorge Luis Borges (*Prólogos*), Marcel Proust (*Albertina desaparecida*) e tantas outras, quase sempre acompanhadas de notas explicativas de elevado teor de erudição.

Nas obras de Ivan Junqueira, desenhava-se o espaço luminoso da ação (po)ética, com rigor e força artística incomuns. Como ele próprio escreveu acerca da obra impecável de Alberto da Costa e Silva, cabe afirmar, sem fa-

vor, que os versos e estrofes soberbos de Ivan Junqueira não se escrevem todo dia ou a qualquer hora. Trata-se, a rigor, de construções em que a poesia atinge seus mais altos níveis de excelência estética.

Na síntese irretocável de Theodor Adorno, o clarividente mestre da Escola de Frankfurt, “a inteligência é uma categoria moral”. Escritor dotado de intelecto privilegiado, Ivan dedicou mais de cinco décadas de sua rica existência à produção do que de melhor, mais sério e mais lúcido se fez na poesia brasileira contemporânea, o máximo que se consegue de beleza com a utilização do principal recurso humano. Poeta culto e filosófico, Ivan Junqueira soube construir sua obra em permanente tensão dialética, logrando virtuosa conciliação entre pensamento e sentimento, conhecimento e linguagem. Foi um gigante intelectual.

Em suma, homenagear a memória de Ivan Junqueira, neste novembro de 2024 em que completaria 90 anos, é circunstância que, ultrapassando a reafirmação da força indelével da Literatura, exalta a própria arte poética, manifestação superior da criatividade, do esforço e da paixão dos homens.

## "Ainda estou aqui", de Marcelo Rubens Paiva

Continuação da página 1

história para contar. O livro começa com algumas digressões sobre o tema da memória, e como construímos (e destruímos) nossas reminiscências. Há muita passagem reproduzida no filme, a exemplo do “não concordo” do guarda. Há muita informação sobre aquele tempo, de triste memória. Segundo Marcelo, boa parte dos guardas do presídio eram chamados de “catarinhas”, justamente porque vinham de estados meridionais.

O livro complementa, explica, amplia e fecha o filme. Quem assistiu ao filme lembra-se da cena da despedida de Marcelo, ainda menino, quando saem do Rio de Janeiro e vão para São Paulo (na realidade foram para Santos, cidade dos avós de Marcelo). Os meninos se despedem chamando-o de “vigarista”. Marcelo conta a origem do apelido. Um dia, sua mãe o chama, dizendo algo como “seu vigarista, você não vai voltar para casa não?”.

A luta de Eunice me parece o ponto central do livro, e não necessariamente a prisão do pai. Marcelo enfatiza o protagonismo da mãe. Formada em letras, ela volta para a

faculdade, formando-se em direito. Advogou intensamente, e com muito sucesso, em São Paulo, sendo muito conhecida pela turma que frequentava o João Mendes. Segundo Marcelo, “aos poucos, ela [a mãe] se deu ao luxo de atuar numa área que não dava dinheiro, mas pela qual se apaixonou inexplicavelmente: o direito indígena. Passou a atender e a representar nações indígenas que tinham suas terras demarcadas não respeitadas”. Eunice foi uma advogada militante de causas indígenas, dando consultas para o Banco Mundial e outros órgãos internacionais.

De acordo com o autor, a mãe era dura, objetiva, direta, uma italiana (era da família Facciolla) que não dava espaço algum para pieguice alguma. Eunice, prossegue Marcelo, “nunca se deixou cair no pieguismo, não perdeu o controle diante das câmeras, nem vestiu uma camiseta com o rosto do marido desaparecido. Não culpou esse ou aquele, mas o todo. Não temeu pela vida. Lutou com palavras”.

Penso que a Eunice do filme é menor

do que a Eunice do livro. As duas, certamente, condensam a Eunice da vida real. No filme tem-se a impressão de que Eunice é esposa e mãe, e que a tragédia marcou epifania que exigia reinvenção de si própria. No livro, tem-se uma Eunice muito mais alargada. Leitora voraz, cultíssima, muito bem relacionada com escritores (a exemplo de Antonio Callado), decidida, intemorata, aguerrida, audaciosa, audaz. Namorou. Mas não se casou de novo. Casar para quê?

Das páginas de um livro muito bem escrito para as telas de um filme sublime, Eunice é a mulher que não concede às intermitências da vida (para ser antípoda a Saramago). No filme, é uma sobrevivente. No livro, é uma desafiadora. No filme, é formada pelas circunstâncias. No livro, dita as circunstâncias. Eunice é a protagonista da história, que escreve, dirige e formata de acordo com sua vontade, respeitando, apenas, as limitações da força, que não consegue dominar, porque, como todos nós, está presa em seu próprio tempo.



# ESTUDOS SOBRE JORGE AMADO

Enéas Athanázio

O escritor e jornalista baiano Paulo Tavares estudou a fundo e com olhos de ver a volumosa obra de Jorge Amado e produziu dois livros importantes para quem pretenda se aprofundar no assunto. Trata-se de *O baiano Jorge Amado e sua obra* (Editora Record – Rio – 1980) e *Criaturas de Jorge Amado* (Livraria Martins Editora – S. Paulo – c/1980). Embora sejam livros bastante antigos, não são difíceis de obter. Ambos foram publicados em edições esmeradas.

Jorge Amado é o escritor mais lido no Brasil e em Portugal e foi traduzido para 39 idiomas. Muitos de seus personagens se popularizaram de tal forma que passaram a integrar para sempre o imaginário nacional. Não satisfeito com essas informações, Paulo Tavares foi a fundo e procurou registrar o exato número de leitores, as edições dos livros, suas tiragens e vendas e tudo mais que pudesse fornecer um mapa real dos que leem o baiano aqui e alhures. Ele abre o volume com minuciosa cronologia biográfica do romancista, relação dos prêmios e distinções recebidos e uma completa bibliografia. Como se vê, um trabalho hercúleo se levarmos em conta a amplitude da obra e a constante atividade do escritor. Em seguida o ensaísta faz breve análise de cada um dos romances, dos contos, das biografias, poesia, biografia, teatro, viagens, guias, infanto-juvenil, coautorias e adaptações. Segue-se uma relação completa da bibliografia sobre Jorge Amado; O volume se fecha com uma entrevista do romancista, algumas crônicas e textos esparsos e, por fim, manifestações sobre sua obra, estilo, processo criativo e outros aspectos de sua escrita. A relação dos países onde tem sido publicado completa o ensaio. Entre eles estão países remotos, como Eslovênia, Estônia, Letônia, Mongólia e outros. Fico pensando como ficariam os baianos de Jorge Amado nas línguas desses países. Como se conclui, é um trabalho completo e único, consagrador do autor focalizado e que recompensa uma vida inteira de lida com as letras. Paulo Tavares realizou uma obra justiceira.

O segundo livro mencionado é ainda mais ambicioso. Trata-se de autêntico dicio-

nário da imensidão de personagens e figuras que povoam a obra de Jorge Amado e cada um deles acompanhado de uma síntese biográfica ou resumo pessoal para bem informar o leitor. O livro contém 2466 verbetes, em ordem alfabética, abordando as criaturas nominadas e binôminas, anônimas designadas por suas características e a relação de personagens reais ou lendários citados na obra amadiana. Considerando que existem muitas figuras com o mesmo nome, é de imaginar o trabalho do autor para individualizá-las. Os personagens mais notórios merecem mais dados, como Gabriela, Dona Flor, Vadinho, o comandante Vasco Moscoso de Aragão, Tieta e outros tantos. A figura marcante de Damião, matador profissional que obedecia às cegas as ordens do patrão e, no entanto, tinha alma de criança, é muito bem descrita. O livro foi premiado pela Academia Brasileira de Letras.

Os livros de Paulo Tavares mereceram edições aprimoradas. O primeiro deles reproduz excelentes fotos do romancista em família e com várias personalidades, como Pa-

blo Neruda, Anna Seghers, Jean-Paul Sartre, Ferreira de Castro, Oscar Niemeyer, o editor Alfredo Machado e Paulo Tavares. Também posando com a inseparável Zélia e na posse na ABL que provocou muitas críticas negativas. Para completar, ele próprio exibindo “sua cara de turco.”

Já o segundo traz interessante introdução do autor comentando obras semelhantes feitas na literatura universal e reproduz impressionantes ilustrações de autoria de Frank Schaeffer, Renina Katz, Carlos Scliar, Di Cavalcanti, Santa Rosa, Clóvis Graciano, Goeldi, Mário Cravo, Aldemir Martins, Darcy Penteado, Poti, Caribé, Floriano Teixeira e Glauco Rodrigues para várias obras do baiano. A bela capa é de Caribé.

Jorge Amado foi o escritor brasileiro que alcançou o maior destaque e renome universal e sua obra levou o Brasil a todos os cantos do mundo. Merece mais que ninguém todas as homenagens dentre as quais estão os trabalhos aqui comentados.

## SUA MAJESTADE A MULHER

Sandra Maria

Será que a bruxa  
degradada  
de verruga  
no nariz  
me aluga  
sua veste preta rasgada?  
Agora quero o poder da toga  
para me investir de juiz

Será que a bruxa  
mágica e guerreira  
me vende o seu chapéu  
alto de fivela?  
Agora quero ser  
feiticeira  
e decidir quem vai  
ser sacrificado  
no lugar dela

Será que a bruxa  
morena ou loura  
do escuro da floresta  
me empresta  
a sua vassoura?  
Agora quero voar  
de mariposa negra  
e libertadora

Quero transformar  
julgador em condenado  
fogueira em trono  
capa em manto  
cabo em cetro  
cabelos em coroa  
fogo em água

para as rainhas  
goianas  
inundarem de poesia  
o nosso cerrado

# TODO MUNDO É FILHO DE PAPAI NOEL

*Gilmar Duarte Rocha*

A noiteceu. O sino gemeu. A meninada na casa de Ariovaldo ficou feliz a rezar. Afinal era véspera de Natal e, como ocorria todo ano, o bom velhinho Papai Noel desceria através da chaminé do velho fogão de lenha durante a madrugada e depositaria os presentes para cada membro da prole ao pé da árvore de Natal que, àquela hora, resplandecia em luzes multicores no canto da sala, sempre bem ornada por Joana de Jesus, a matriarca da família.

Naquele dia 24 de dezembro Ariovaldo saiu tarde da fábrica onde trabalhava. Era quase de madrugada e as lojas de varejo da região já estavam fechadas. Ele ficou preocupado e ansioso, pois não podia deixar de comprar as lembranças para os seus seis filhos pequenos; não poderia deixar a magia da data natalina se esvanecer como fumo leve que escapa entre os dedos. Lembrou-se que do outro lado da rodovia que margeava a fábrica existia uma loja de uma grande rede de supermercados que não fechava nunca.

Difícil mesmo era pular as duas barreiras que cercavam as duas pistas duplas da estrada e esperar o momento bom de atravessá-las, visto que o movimento de automóveis era incessante. Saltou a primeira barreira com muita dificuldade e aguardou eternos vinte minutos para vencer a primeira pista de mão dupla. O próximo empecilho seria pular o fosso que separava os dois lances de pista. Superou aquela barreira plena de água suja e muito limo e lodo. Faltava atravessar a segunda pista dupla, aquela onde justamente o fluxo de veículos era mais pesado, visto que aquela estrada tinha a direção do centro populoso da cidade. Aguardou uma eternidade até sentir que havia chegado o momento de atravessar a estrada. Os veículos que vinham, a julgar pela intensidade da luz, estavam a metros de distância. Ledo engano de Ariovaldo. Naquele ambiente semiescuro, ele não percebeu que uma motocicleta transitava em alta velocidade com os faróis quase apagados. Uma pancada forte. Um grito. Um uivo. Um corpo estendido no chão. A primeira pessoa que acudiu o homem que sangrava no asfal-

to frio foi um mendigo de idade avançada e longas barbas brancas. Ariovaldo, agonizante, ruminou alguma coisa no ouvido dele e depois apagou. Desfalecido.

\*\*\*

Amanheceu. O sino não dobrou. As crianças acordaram e não viram presente algum na árvore de Natal. O bom velhinho esquecera delas. Joana de Jesus, ciente da ocorrência trágica da noite passada, não quis dar a malograda notícia assim, de supetão, para as frustradas crianças. Inclusive ela segurava o pranto enquanto o seu peito doía de dor e de profunda tristeza. Ela aguardaria o decorrer dos acontecimentos com estoicismo e sofreguidão. Nove da manhã, alguém inesperadamente bateu à porta dos fundos. Joana foi atender. Silêncio absoluto. As crianças vislumbraram um senhor maltrapilho vestido de vermelho que entregava um saco de supermercado à mãe deles. Eram presentes e presentes, cada um mais bonito do que o outro.

Os garotos entre o contentamento em apalpar e começar a brincar com os maravilhosos presentes ficaram surpresos e curiosos da aparição repentina e matutina daquele senhor de longas barbas. Alguns deles, principalmente os mais velhos, encheram a mãe de perguntas:

“Mamãe, aquele velho era Papai Noel mesmo?”

“Por que ele veio de dia? Geralmente ele deixa os presentes quando a gente está dormindo.”

“Papai Noel é da nossa cor, mamãe? Eu vi na TV que ele é branco e tem olhos azuis.”

“Por que nosso pai viajou logo hoje no dia de Natal?”

Eram questões que a mãe, Abigail, não sabia direito o que responder. Ela tergiversava o máximo que podia, pois a notícia que recebera de um estafeta da área de saúde de manhã cedo não era nada boa. Prestes a entrar em estado de ebulição, a mulher teve uma pausa de sossego quando alguém bateu à porta da frente da casa. Dona da situação, ela se adiantou às crianças e, com o coração palpitando, foi

ver quem estava chegando. Abriu a porta. Viu uma ambulância com a sirene ligada e estacionada ao lado do meio-fio. O seu coração só faltava sair pela boca.

“Seu marido teve alta, minha senhora”, disse um homem todo trajado de branco que saltava do banco de caronas do veículo. Ele prosseguia: “Sentimos muitíssimo em tê-lo confundido com um mendigo que foi atropelado a poucos metros dele e que provavelmente sofreu um acidente mais grave um pouco depois do seu marido ter sido atropelado. Ele, o mendigo, que veio a falecer esta manhã, portava a carteira e os documentos do senhor Ariovaldo, daí essa confusão toda. Curioso é que o mendigo estava com uma nota fiscal de um mercado ali perto e parece que ele havia comprado apenas brinquedos usando o cartão de crédito do seu marido. Contudo a polícia não localizou esses brinquedos.”

“Ah!”, interveio um enfermeiro que dirigia a ambulância e que ajudava a retirar a maca do carro, “o senhor Ariovaldo aqui deve ter sido atropelado por um veículo pequeno, talvez uma moto. Ele teve apenas uma pequena concussão no crânio, apesar de perder muito sangue. Ele deve ficar em repouso total por três dias.”

Nessa hora, a criança, vendo o movimento em frente de casa, se aproximou do veículo:

“O que houve com papai?”

“Papai, o que o senhor teve na cabeça?”

“Papai teve um acidente, seu bobo.”

“Papai, um Papai Noel escuro esteve aqui hoje e nos deu presentes.”

Esta última frase, dita por um dos seus filhos, fez com que Abigail olhasse para o céu e visse um enorme trenó brilhante contornando as nuvens brancas que salpicavam um céu azul. O trenó era pilotado por um homem escuro, de longas barbas ásperas e brancas, e que trazia um sorriso grande estampado no rosto.

O homem e o trenó foram subindo aos céus; foram diminuindo de tamanho e desapareceram de vez no azul infinito.

\*\*\*

# DE REPENTE

Marcelo Torres

**D**e repente, você está lendo um conto e pula para a crônica, da crônica passa para os anúncios e dos anúncios vai para as letras de músicas. Foi o que me aconteceu hoje, depois que passei os olhos em *A dama do cachorrinho*, antologia de Tchekov, o russo mestre do conto.

No início do segundo texto, um funcionário assistia a *Os Sinos de Corneville*, uma ópera-cômica, em noite encantadora. Ele se sentia no cume da boa aventura, quando *de repente* — aí o narrador faz uma breve pausa para falar que ocorre muito *de repente* em contos.

Sim, é verdade, dou fé agora, ao puxar a versão eletrônica de *Todos os contos*, de Clarice, e ali localizar nada menos que 114 registros — só em *Feliz Aniversário*, um dos contos mais conhecidos dela, existem cinco ocorrências da locução.

A bem dizer, o *de repente* pode ser achado em tudo que é tipo de texto, seja conto, crônica, anúncio, letra de música. Em *Veríssimo antológico*, por exemplo, há 40 registros — “a inevitabilidade da morte nos bate de repente, sem aviso, sentados na privada ou no meio de um picolé”.

Quanto aos anúncios, uma propaganda que marcou época foi um velho comercial de desodorante. Após a cena de um homem entregando buquê a uma mulher, uma voz

dizia: “E se, de repente, algum desconhecido lhe oferecer flores...” (seria por causa do desodorante).

Outro de que me lembro foi do motel Le Royale, em Salvador. O texto dizia: “De repente, fico rindo à toa, sem saber por quê, e vem a vontade de sonhar [...], foi tudo tão de repente...” Bethânia ouviu o comercial no rádio, amou o jingle e ligou para Duda Mendonça (um dos autores). Resultado: a música *Cheiro de Amor*, na sua voz, estourou nas paradas de sucesso de todo o país.

Em *Roda Viva*, Chico Buarque diz: “Tem dias que a gente se sente, como quem partiu ou morreu, a gente estancou de repente, ou foi o mundo então que cresceu”. Em *Apesar de você*, ele canta: “Como vai se explicar, vendo o céu clarear, de repente, impunemente”. Já em *Fantasia*: “E se, de repente, a gente não sentisse a dor, que a gente finge e sente, se, de repente, a gente distraísse...”

Gilberto Gil vai usar a locução em *Realce*: “a força é bruta, e a fonte da força é neutra, e de repente a gente poderá”. Em *A Paz*, ele canta: “A paz invadiu o meu coração, de repente me encheu de paz, como se o vento de um tufão, arrancasse meus pés do chão”.

Mas agora eu vou chamar o síndico. Tim Maia começa um dos seus maiores sucessos dizendo que “de repente, a dor de esperar terminou, e o amor veio enfim”, para depois soltar seu vozeirão: “Você é algo assim, é tudo

pra mim, é como eu sonhava, baby”.

Caetano Veloso, cantando letra de Peninha: “E se ela, de repente, me ganha?”. Raimundo Fagner, na letra de Fausto Nilo: “Mas de repente a velocidade chora”. Os irmãos Kleiton e Kledir, em música deles: “De repente a gente rasga a roupa”.

Para resumir, o *de repente* aparece em uma infinidade de letras — na voz de Samuel Rosa, Paulo Ricardo, Ednardo, Lulu Santos, Guilherme Arantes, Odair José, Agnaldo Timóteo, Elis Regina, Noel Rosa, Nana Caymmi —, mas a melhor mesmo foi feita por Vinicius.

A bordo do *Highland Patriot*, sobre as águas do Atlântico, a caminho da Inglaterra, lá no ano trinta e oito, o nosso poetinha compôs: “De repente do riso fez-se o pranto...”, “de repente da calma fez-se o vento...”, “de repente, não mais que de repente...”

Depois de Vinicius, segundo o escritor Marcelo Freire, ninguém deveria se atrever a escrever essa locução adverbial.

Mas voltemos a Tchekov, a dizer que “os autores têm razão” em usar o *de repente*. “A vida é tão cheia de acontecimentos inesperados!” E retomou a narrativa: “Mas, de repente, seu rosto [o do funcionário] enrugou-se, os olhos contraíram-se, parou a respiração... afastou o binóculo, inclinou-se e... atchim!!! Espirrou, como estão vendo”.

## POEMAS DE MARCOS FREITAS

### A TARDE EM CLAVE DE SOL

a tarde carregada  
de chuva abriu-se  
inesperada em sol

um frescor – porém –  
ficou no ar  
entre risos,  
falas,  
ditos,  
sons  
bemóis

a tarde em clave de sol

(musicado por Raphael Mendes)

### MOINHOS DE VENTO

moinhos de vento  
remoem destinos  
no verde da plantação  
num forte calor vespertino  
moinhos de vento  
embalam canção  
moinhos de vento  
alegram meninos  
na janela do vagão  
moinhos de vento  
alegram e remoem  
alegram e remoem  
alegram

(musicado por Carlos Fraterno)

# CRIMES NO CAMPUS: RETRATO DOS ANOS DE CHUMBO

Adelto Gonçalves

Obra do professor Flávio R. Kothe desvenda em novela de detetive a estrutura anacrônica da universidade brasileira

## I

Embora seja frágil a presença da literatura de mistério na tradição literária brasileira, ainda que muitos autores consagrados, como Jorge Amado (1912-2001), Antônio Callado (1917-1997), Dinah Silveira de Queiroz (1911-1982), Guimarães Rosa (1908-1967), Rachel de Queiroz (1910-2003), Orígenes Lessa (1903-1986) e, mais remotamente, Coelho Neto (1864-1934), tenham se aventurado na área, trata-se de gênero muito popular nos Estados Unidos e na Europa e que, muitas vezes, tem servido de pretexto para a análise da sociedade, atuando como instrumento de reflexão sobre as relações entre os donos do poder e os subalternos.

É o que o leitor vai encontrar numa recente obra do gênero policial, *Crimes no campus: novela de detetive* (São Paulo, Editora Cajuína, 2023), em que o seu autor, Flávio R. Kothe, professor aposentado de Estética da Universidade de Brasília (UnB), traça um panorama do que foi vivido à época da anistia promovida pela ditadura militar (1964-1985), já em seus estertores, que provocou, entre outros episódios, o retorno dos mestres anistiados aos seus antigos locais de trabalho na universidade pública.

Como se sabe, por lei, o regime militar passou a conceder anistia a todos quantos, no período compreendido entre 2 de setembro de 1961 e 15 de agosto de 1979, haviam cometido atos que tinham sido considerados crimes políticos e crimes eleitorais, tendo os seus direitos políticos suspensos, o que incluía servidores da administração direta ou indireta.

Como em outros locais da administração federal, estadual ou municipal, na universidade pública o retorno dos anistiados também não se deu de maneira tranquila e muitas pessoas passaram a ser tratadas a pedradas exatamente por seus méritos, até porque, por trás, estava o receio de que poderiam ocupar o espaço conquistado por aqueles que haviam atravessado o período sem contestar (ou mesmo apoiar) a funesta ditadura.

Em função de muitos interesses contrariados e até mesmo da inveja dos que aqui

havam permanecido ou entrado para o professorado depois do período de caça às bruxas promovido pelos militares e seus acólitos, os anistiados passaram a sofrer incontáveis perseguições políticas, que, desta vez, seriam feitas apenas nos bastidores ou na calada da noite. Afinal, muitos dos anistiados retornavam com títulos obtidos em universidades estrangeiras e até livros publicados no exterior.

Até porque a essa época já se havia passado o tempo em que os mais jovens só conseguiam entrar como professores nas universidades públicas se fossem convidados por um catedrático, que, geralmente, como seria mau pesquisador, acabava dando preferência a carregadores de pastas que pudessem também se sujeitar, como pesquisadores, a engolir o pó dos arquivos.

Com a extinção da cátedra, porém, formaram-se, então, grupos dominantes que haveriam de cuidar de concursos que, muitas vezes, viravam jogos de cartas marcadas, com a escolha de favorecidos, sem levar em conta requisitos fundamentais, como currículo, título ou desempenho em sala de aula. É o que o leitor pode compreender mais a fundo se vier a ler também o artigo “Do mérito acadêmico”, de Flávio R. Kothe, que está no site [www.ater-raeredonda.com.br](http://www.ater-raeredonda.com.br).

## II

Kothe, embora recorra à ficção, mostra que sabe muito bem como foi o comportamento daqueles que não aceitavam pacificamente a volta dos anistiados aos departamentos de origem. Na trama que arquiteta com mestria, a reitoria de uma universidade pública decide criar um instituto que passaria a alocar esses retornados. Só que o que parecia ser uma boa solução para isolar os anistiados transformar-se-ia, desde logo, em fonte de receio por parte dos grupos dominantes diante daquilo que aquelas pessoas reunidas poderiam tramar. É de se lembrar que Kothe foi professor na UnB de 1974 até o início de 1979, quando perdeu o emprego por decisão da ditadura, por intermédio de um intervenor. Na ocasião, ele havia proposto a criação de uma associação dos docentes. Depois, voltou à UnB como anistiado.

No livro, o que deflagra a investigação que colocará a nu a reação daqueles que já es-

tavam acostumados às arbitrariedades do regime militar é o episódio que se dá a partir de um assassinato que ocorre num prédio novo do *campus* da universidade em que a vítima é “um jovem de menos de trinta anos”, que aparece “com a cabeça arrebentada”. Era um estudante que ali trabalhava nas horas vagas como assistente do diretor do informalmente chamado Instituto dos Retornados. E que desenvolvia, ao mesmo tempo, um trabalho de pesquisa.

Diante disso, um detetive, de nome Moia, é encarregado de desvendar a trama que teria resultado na morte daquele estudante. Ao seu lado, trabalha um jovem assistente que faria o relato das investigações, que, afinal, acabariam por constituir a narrativa da novela. Obviamente, a atuação desse personagem permite concluir que se trata de uma espécie de *alter ego*, que haveria de ir a fundo ao expor a estrutura retrógrada que sempre marcou a existência da universidade pública no Brasil.

Eis um trecho do capítulo II que marca o início da investigação e que, como nas melhores obras de literatura policial, atrai o leitor para o desenrolar da trama até as últimas páginas: “Era o meu primeiro defunto na profissão. Meu emprego me obrigava a ver defunto bem de perto, e a fazer uma leitura dele como se fosse um livro esparramado no chão. Eu não estava acostumado a isso. O primeiro defunto a gente não esquece. Senti que ia botar os bofes para fora”.

## III

A partir daí, novos crimes acabariam por ocorrer e o detetive e seu jovem assistente tratariam de procurar entender as tensões que poderiam tê-los motivado. Por trás de tudo, o que, aparentemente, havia era um grupo que, formado à época da ditadura, seria dominado por um respeitado professor, com fama de esquerdista, que aspirava se tornar reconhecido como o maior crítico da cultura brasileira, mas que, nos bastidores, fazia exatamente o que agradava aos militares e à oligarquia que os mantinha, o que significava evitar que pudesse entrar no grupo qualquer intelectual que viesse a questionar o regime.

Por isso, nas bancas de seleção o que valia era se o candidato reunisse qualidades que

*Continuação na página 8*



fossem convenientes ao grupo dominante ou a um dos seus próceres, o que, às vezes, colocava em jogo interesses subalternos, independentemente de títulos, obras ou experiência didática. E, especialmente, que também não pudesse colocar em xeque o poder que o chefe havia acumulado ao longo dos anos, que incluía o direito de distribuir bolsas, empregos, viagens ao exterior e benesses.

Por aqui se vê que *Crimes no campus* segue a estrutura da novela clássica de detetive, ou seja, um detetive como Sherlock Holmes e alguém que o acompanha como Watson, cria-

ções do escritor inglês Arthur Conan Doyle (1859-1930). Trata-se de um modelo que já foi retomado em *O nome da rosa* (1980), de Umberto Eco (1932-2016), considerado um dos grandes livros da segunda metade do século XX.

Sem contar que, pessoalmente, Kothe nunca escondeu sua admiração por *Crime e castigo* (1866), do escritor russo Fiódor Dostoiévski (1821-1881), em que este autor retoma a estrutura do gênero para deslocar a descoberta do criminoso para um tema como a miséria social e a misericórdia. No caso da

recente obra de Kothe, ele, que em seu livro *A narrativa trivial* (1994) já havia estudado a novela de detetive, quis aproveitar o gênero para discutir temas como inveja, prepotência e arrogância.

Enfim, *Crimes no campus*, composto dentro dos tradicionais parâmetros da novela ou do romance policial, gênero para muitos críticos ainda considerado paraliteratura, traz uma reflexão fundamental e ainda pouco explorada sobre uma das mais tristes facetas dos *anos de chumbo* no Brasil.

## OS INSTANTES DE CECÍLIA

Nirton Venancio

**V**iagem, décimo livro de Cecília Meireles, reúne sua produção de 1929 a 1937. Publicado em 1938 pela Lisboa Editorial Império, recebeu o Prêmio Olavo Bilac concedido pela Academia Brasileira de Letras.

Dedicado “aos meus amigos portugueses”, é um dos seus mais belos livros. Um passeio na plenitude do eu lírico existencial em 199 páginas, construção perfeita nas intercessões do Simbolismo ao Modernismo. Nesse período, além de suas obras, Cecília fazia traduções, viajava por vários países, e lecionava Literatura Luso-Brasileira e Técnica e Crítica Literária na Universidade do Distrito Federal, à época no Rio de Janeiro.

Alguns fatos marcaram Cecília Meireles nos seis anos em que ela preparava o livro, e, inevitavelmente, como matéria-prima que é a vida, refletem-se em muitos poemas.

O mais grave foi o suicídio de seu primeiro marido, o pintor português açoriano Fernando Correia Dias, em 1935. Cecília casou-se aos 20 anos e com ele teve três filhas, as Marias Elvira, Matilde e Fernanda (1928-2022), esta conhecida atriz de televisão, destaque nas novelas na década de 70, *Gabriela*, *Pai Herói*, *O Grito*, e no cinema, entre outros papéis, foi a Rainha Dona Maria I no filme de Carla Camurati, *Carlota Joaquina*, 1995. Foi ela que, muito criança, encontrou o pai enforcado.

Também difícil foi sua relação com o presidente Getúlio Vargas, a quem chamava publicamente de ditador. Cecília escrevia em sua coluna Página da Educação, no jornal *Diário de Notícias*, fortes artigos defendendo o ensino laico, as liberdades individuais, uma república democrática, posicionando-se con-

tra o ufanismo do governo. Perseguida, teve o Centro de Cultura Infantil, criado por ela e o marido, fechado em 1934, por ordens vindas do Palácio do Catete, sob a acusação que na biblioteca teria “conteúdo educacional duvidoso” para as crianças, como o clássico *As Aventuras de Tom Sawyer*, de Mark Twain, sobre o garoto que vive na sociedade sulista do século 19, às margens do rio Mississippi, nos Estados Unidos, quando predominava o sistema da escravidão.

Menos traumático, mas tão frustrante quanto pitoresco, foi o desencontro com Fernando Pessoa. Cecília Meireles viajou a Portugal naquele mesmo ano para uma série de palestras nas universidades em Lisboa e Coimbra. O poeta dos heterônimos marcou o contato em um café da capital, Cecília esperou, esperou, e depois de algumas horas e várias xícaras de chá, decidiu voltar ao hotel. Encontra na portaria um exemplar autografado do livro *Mensagem* e um bilhete de Pessoa se desculpando: fora aconselhado por seu horóscopo daquela manhã a não ir a encontros. Não iria, não fingiria o que deveras sentia. O poeta falece no ano seguinte, levando Ricardo, Álvaro, Caeiro...

Cecília Meireles foi estampa na cédula 100 Cruzados Novos em 1989 – assim como Drummond na de 50 – no último ano do governo Sarney, aquele da dinastia do babaçu maranhense, escritor nos intervalos de mandatos, autor da “polinização” em nossa literatura com *Maribondos de fogo*. Mas veio o governo do marajá collarido das Alagoas no ano seguinte, as notas não circularam por muito tempo e o Plano Real de Itamar desvalorizou a Unidade Real de Valor dos poetas na mão do povo.

O livro *Viagem* traz, entre tantos poemas consagrados, como os ótimos *13 Epigramas*, o pouco conhecido pelo título, *Marca*, mas lembrado pela polêmica ao ter sua penúltima estrofe musicada por Raimundo Fagner, com o título *Canteiros*, gravada e não creditada no seu primeiro disco, *Manera fru-fru, manera*, 1973.

Ainda com a contenda judicial movida pela família de Cecília, o não menos conhecido poema *Motivo*, também do livro *Viagem*, é musicado, e dessa vez creditado, interpretado pelo cantor cearense cinco anos depois, no álbum *Eu canto – quem viver chorará*.

*Motivo* é o poema mais substancial em metalinguagem, em significado e definição para Cecília Meireles:

Eu canto porque o instante existe  
e a minha vida está completa.  
Não sou alegre nem sou triste:  
sou poeta.

A análise semântica que se faz de cada verso:

atravesso noites e dias  
no vento  
(...)  
se desmorono ou se edifico,  
se permaneço ou me desfaço,

traça um perfil elucidativo de quem tem o dom e o fado de lapidar a vida com a mais íntima manifestação da literatura: a poesia. O canto.

Em 7 de novembro de 2024, 120 anos hoje de seu nascimento. Mais de um século de asa ritmada. Se fica ou passa, ela sabia que cantava. E a canção é tudo.



# CÃO DE GAZA

Flávio R. Kothe

**T**anques inimigos rondavam e rondam nossos campos e ruas, bombardeavam e bombardeiam prédios, escolas, hospitais, tinham e continuam tendo sede do sangue de crianças e mulheres. Queriam e querem acabar com nosso povo. Eu sou apenas um pobre cão, tenho sobrevivido, apenas sobrevivido.

Não tínhamos armas capazes de enfrentar esses monstros de ferro e aço, não tínhamos aviões que enfrentassem aqueles que cruzam nossos céus. São uma cruzada de destruição e morte, como foram as cruzadas cristãs. Pela manhã, houve um silêncio que não era inocente. Prenunciava a tempestade. Temos medo até de respirar.

Fico deitado aos pés do meu dono, um velho andarilho que cansou de andar. Parou onde não deveria ter parado. Tinha raízes aqui, as terras da família foram tomadas pelos israelitas. Foi criado longe, bem longe. Ele se tornou bom matemático, mas desistiu de tudo quando viu que não conseguia calcular sequer o que seria melhor para ele. Quando tudo é contra nós, não há como fazer a conta certa.

Creio que meu dono, quando me adotou, calculou que teríamos ainda o mesmo número de anos a viver. Cães vivem menos que os humanos. Ele me recolheu na rua, me deu de comer e beber: me salvou, sem precisar. Por gratidão, decidi dedicar minha vida a lhe fazer companhia. Adotamos um ao outro.

Tínhamos um quarto alugado em uma casa palestina. As crianças brincavam comi-

go. Quando meu dono saía pela manhã para trabalhar num terreno descampado fora da cidade para plantar verduras e legumes, eu ia junto. Era uma boa caminhada. Enquanto ele capinava e remexia a terra, contava como, forçado a sair das terras que durante 700 anos haviam sido da família, decidira conhecer o mundo. Tornou-se um *homo viator*, para acrescentar:

– Como se o homem não tivesse a vocação da morada, um lugar onde construir sua vida. A casa acaba sendo a nossa extensão.

Eu era tudo o que ele tinha de uma família. Nós nos bastávamos. Ele queria descobrir o que havia feito sentir-se tão atraído por aquele lugar. Ao chegar, tinha sido tomado pela sensação de “aqui é o meu lugar”. Iria precisar muito anos para entender aquilo que no primeiro instante havia sentido, como se fosse uma iluminação.

Ontem recebemos ordens dos soldados de Israel, de que deveríamos sair da casa. Viemos para o terreno que ele cultivava. Passamos a noite numa pequena barraca. Há pouco, meu dono pousou a enxada, sentou-se numa pedra, me pegou no colo e ficou me olhando nos olhos:

– Eu não gosto quando me mandam embora do meu lugar. Ele é meu, e eu sou dele. Se eu tiver de ir embora, vou deixar você com a família que é dona da casa. As crianças vão cuidar de você. Nem todos os humanos se tornam animais domésticos.

Estávamos fora da cidade, no terreno que era a nossa horta. Ouvíamos lá longe os tiros de canhão, o pipocar das metralhadoras,

zumbidos dos aviões. Vinham da direção de onde ficava a nossa morada. Notei a tristeza no olhar do meu protetor. Era meu amigo, e amigo não tem defeito. Lambi suas mãos, para saber que podia contar comigo para o que desse e viesse.

Eu não era bom caçador. Raramente apanhava um rato. Estavam escasseando, não havia comida para ninguém. Quando meu amo conseguia um prato de comida, eu ficava sentado ao seu lado, esperando que me desse algum bocado. Era generoso. De tudo me dava parte. Se passávamos fome, passávamos juntos. Não havia solidão.

Quando o som dos tiros e das bombas cessou, já estava anoitecendo. Lentamente fomos retornando à casa, havia pessoas feridas e apavoradas pelas ruas. Quando chegamos perto, percebemos que não havia mais casa aonde retornar. Reduzida a escombros. Alguns vizinhos andavam entre eles, procurando os moradores. Ficaram contentes em nos ver vivos.

O pai e a mãe tinham morrido. Duas crianças tinham sido levadas, feridas, por uma ambulância. Duas outras estavam mortas. Meu amo me disse, devagar:

– Muitas vezes não podemos decidir nada. A vida decide por nós. Eu vou ter de ficar, para cuidar dessas crianças, até chegar a nossa vez.

Senti profunda tristeza em sua voz. Não havia muito a dizer. Apenas dei um curto latido de volta, como quem entende, mas nada pode fazer.

## ANDERSON BRAGA HORTA

### INICIAÇÃO

A menininha  
rindo  
me agarrou pelas mãos  
estendeu os meus braços em cruz  
me empurrou contra a parede  
e disse Agora  
você vai pregar ni mim.  
Alheio ao fazer  
desvencilhei-me  
e lépido fugi:  
Nũ preguei, eco, eco!

Inocente adiaa  
minha iniciação.

### SOLDADINHOS DE CHUMBO

Meu amigo Tião  
tinha um pelotão de soldadinhos de chumbo.  
Só que os dele não era de chumbo não:  
eram legítimas balas de fuzil.

A gente se postava na sala adrede esvaziada  
e em lados opostos cada um montava o seu exército.  
Metralhávamos o inimigo  
com a mão direita fechada  
polegar engatilhado  
projetando assustadoras bolas de vidro.

Foram as melhores batalhas de minha vida.  
Nenhuma bala explodiu.

# A FESTA DO BARÃO DE JEREMOABO

Júlio Cezar M. Gomes

**P**arecia mesmo uma festa; na verdade era muito mais do que isso, mas, nem convescote ou evento familiar ampliado, jamais. O XI Encontro dos Dantas/Itapicuru foi quase uma efeméride, pela densidade histórica consumada e pelo reluzente coletivo de uma família iluminada.

Realizado em setembro do corrente ano no casarão do Camuciá – Município de Itapicuru (pedra ou laje carochuda), Bahia, nem sínodo seria, embora houvesse por ali os "bispos" leigos da grei Dantas, claro, com o devido respeito, sequer Concílio, inobstante os altos dignitários do ilustre clã. Nada disso. Eu, estava lá, porquanto inscrito no livro da árvore genealógica da família Pinto Dantas e, na condição de palestrante e recitador no evento de abertura.

A família Tourinho Dantas, descendente do Coronel João Dantas Martins dos Reis e Cícero Dantas, futuro Barão de Jeremoabo, em boa hora se reuniu em conclave de fé e realinhamento até para desmentir essa tradição de porfia sucessória, tão frequente em famílias menos avisadas e sobretudo mais abastadas, quando sobrevém a morte do patriarca. Alto lá, aqui não, nada de cizânia e conflito judicial para dividir e desunir o clã! Jamais. Um evento que reuniu os descendentes do Barão, pessoas afins, amigos da família e cônjuges dos descendentes diretos em congraçamento marcado pela alegria, pelo espírito de confraternização e evocação da memória dos ancestrais, com júbilo e louvor. Claro, ademais na missa celebrada pelo Padre Anderson, vigário da paróquia de Itapicuru. Folguedos, forrós, boa comilança nos jardins do casarão e até um sarau com repentistas, trovadores e, pasmem, este bardo carioca infiltrado nas hostes nordestinas, que ousou recitar alguns sonetos de sua lavra, no mesmo local em que Lampião foi repellido pelo heroicos peões e servidores da fazenda no ano de 1932.

Homenagens póstumas, por exemplo ao Ilustre Dr. Evandro de Castro Guerra, autor de um primoroso ensaio sobre Castro Alves, que tive a honra de desfolhar, entre tantos outros, descendentes diretos e indiretos, enfim, tudo conduzido com esmero e inusitado talento de animadores de folguedos e certames familiares, os irmãos Álvaro e André, filhos

do não menos querido e celebrado "Alvito", responsável maior pela preservação do patrimônio e pertences mobiliários do Casarão.

Por sinal, pasmem, desfolheei uma raridade bibliográfica, qual seja um livro da autoria de Rui Barbosa devidamente autografado pelo autor no ano de 1912, com a letra miúda, retilínea e bem apurada entre outras joias de antiguidade. Rui era amigo pessoal do Barão.

A reunião de família teve início efetivo ainda no sábado, com a missa, como disse antes, no andar superior do sobrado, na capela privativa do imóvel, por sinal muito bem ornamentada em madeira esculpida com efeitos luminosos especiais, como vitrais e aberturas naturais pelo fundo. À época, convém frisar, não havia energia elétrica na região.

Após a celebração a festa então tem início com o tradicional foguetório e uma mini-cavalcada de infantes mirins, quebra de pote com venda nos olhos, corrida de saco para a gurizada, corrida de ovo na colher e brindes para os primeiros colocados.

Ah, uma singular fogueira vertical, com feixes de madeira em coluna e amarrados com arame farpado. Como nunca tinha visto. Até São João ficou intrigado com essa singular fogueira baiana.

Mais tarde foi servido a céu aberto um *buffet* delicioso com iguarias regionais e caldos.

Na varanda do sobrado instalou-se uma banda de forró que atiçava os presentes a cantar e cair na folia, no arrasta-pé, é bem o termo, e, claro, aí a poeira levantou pra valer.

Há quem considere a obra maior do Barão a usina de cana-de-açúcar que construiu em Santo Amaro; daí a comenda outorgada pelo Imperador Pedro II, como reconhecimento pelos feitos empresariais, já que a usina era a primeira no país a dispor de maquinário importado. Seu feito então se equipara ao de Barão de Mauá no fim do séc. 19, como grande empresário do Império.

No entanto me permito discordar até certo ponto de sua Majestade, data venia; para mim, seu maior feito, terá sido construir uma prole de refinada estirpe, um patrimônio humano, de sangue quase azul, embora sem a linhagem da realeza, mas nobre de origem. Ademais foi o Barão um construtor de cidadania nos sertões remotos da Bahia e para-

gens vizinhas do Sergipe. Gente de coração e alma nobres, esse o patrimônio do Barão que chega aos nossos dias. Claro, sua alteza real, o Imperador, não podia vislumbrar esse horizonte genético.

De resto, noite alta, quando adentrei nos meandros do Sobrado para respirar as essências do passado imperial percebi uma sombra furtiva e erma que se esgueirava pelos corredores. Hum.

Bem, não ousou afirmar, não é da minha índole acreditar em aleivosias ou coisas afins, mas pela fragrância exalada e natureza inconsútil parecia a figura nobre e ativa do Sr. Barão. SMJ.

Até porque, "no creio em bruxarias, pero que las hay, las hay".

Até o próximo encontro!

## A ROSA DE PÉROLA

Para Ruth

Luciano Dídimo

*"O Reino dos céus também é como um negociante que procura pérolas preciosas."*  
(Mt 13,45)

As pétalas da rosa preciosa  
São pérolas que encantam nossa vida,  
Riqueza firmemente bem polida,  
São joias de beleza esplendorosa.

As pérolas da rosa valiosa  
São pétalas da vida oferecida,  
Efígie que, na dor, foi esculpida  
Por ostra em resistência impetuosa.

Amor em aliança renovada,  
A rosa dessa cor eu ofereço  
Em pétalas nascidas na jornada.

A rosa desabrocha um recomeço,  
Amor envolto em benção perolada  
São pétalas de amor que não tem preço!

# O INSTIGANTE MOSAICO DE VALE DAS AMEIXAS

Ronaldo Costa Fernandes

**C**onheço a produção literária de Hugo Almeida desde seus primeiros livros de contos nos anos 1970/80 até o agora romance *Vale das Ameixas* (Editora Sinete, São Paulo, 2024). Durante a trajetória de 15 livros Hugo tem sido fiel a si mesmo. Jornalista, primeiro em Belo Horizonte, mais tarde e definitivamente em São Paulo, doutor em literatura brasileira pela USP, ele sempre perseguiu a experimentação, tendo por influência ou confluência a presença estética de Osman Lins (1924-1978). Vale citar seus escritos, conferências e organização de livros sobre o escritor pernambucano porque o mestre de *Avalovara* está presente neste romance sobre o qual agora escrevo, principalmente na intertextualidade de *A rainha dos cárceres da Grécia* com o labirinto previdenciário e sua personagem Julia Enone.

Em 1988, Hugo Almeida ganhou o importante e prestigiado prêmio da Bienal Nestlé com o romance *Mil corações solitários*. Agora retorna ao gênero com um romance vigoroso. *Vale das ameixas* é composto em forma de mosaicos e várias vozes. O personagem central é Harley ou Timo, um polonês exilado no Brasil, que ganhou a vida como professor. Aposentado e envelhecido, o personagem revisita seus amores, encontros e desencontros, a vida dele amorosa com as

mulheres de sua vida (Núbia, Léa, Biela, Laura...) e a vida das mulheres, cada qual com seus destinos sem a presença dele, desde uma atriz, uma guerrilheira política, uma bailarina e várias outras.

Como o livro é um composto de recortes, o leitor terá de montar a linearidade que o romance não expõe à leitura. Com muitas menções a figuras artísticas polonesas como Chopin, Grotowski, Wajda, Krajcberg, Polanski, Gombrowicz, Ziembinski, o romance cresce em densidade com essas lembranças e historietas de grandes escritores, músicos, cineastas, artistas plásticos etc. que povoam o livro.

Neste tipo de narrativa errática (não há aqui neste adjetivo nenhuma conotação negativa, pelo contrário), fragmentária, o mais comum – como aqui ocorre – é não haver uma linearidade que conduza a uma tensão do tipo apresentação, problema, clímax, anticlímax. São essas partes do mosaico que vão compondo o painel final da vida de Timo, suas mulheres, seus filhos (um ou dois?), suas dores, seus amores, suas alegrias. O interesse é a composição da grande tapeçaria literária e não um suspense ou uma história com princípio, meio e fim. Neste sentido, como no *Jogo da Amarelinha*, de Cortázar, o romance de Hugo Almeida pode ser lido de trás para frente, de frente para trás, ou começar de qualquer frag-

mento. Este é um dos virtuosismos de Hugo Almeida em seu *Vale das ameixas*.

O personagem principal é um sujeito solitário, vivendo de recordações de amores fugidios de outras épocas, algumas foram suas alunas e ele exerceu sua influência intelectual. É um exilado do nazismo, com lembranças da sua Polônia natal. Não é um primor de virtude, embora quase todas as mulheres de sua vida o tenham em boa conta (a psicóloga Amanda é exceção). Não poderia deixar de citar, porque a mim me toca muito particularmente, a personagem d. Benedita, que apareceu primeiramente num romance meu, *O viúvo*, e que Hugo a fez morar com o polonês, dando conta ao leitor que eu ao ir para a Venezuela a deixara com Harley. É uma personagem pela qual tenho muito carinho e Hugo a reconstrói de maneira admirável, dando outros toques que a tornaram mais humana. Aí está, além da beleza da amizade que nos une há quase cinquenta anos, a experiência da intertextualidade como muito bem aponta o autor.

Nessa colagem densa, nesse bricabraque narrativo, Hugo Almeida constrói com seu *Vale das ameixas*, depois de uma larga e profícua trajetória, um dos romances mais instigantes dos nossos dias. É o ápice de uma carreira construída com zelo, afínco e perseverança.

## À AORTA DE DRUMMOND

Noélia Ribeiro

Brasília, 4 de maio de 2020

Querido Drummond,

Após reler teu famoso poema O AMOR BATE NA AORTA, escrevo-te esta carta.

Lá se vão quarenta dias em que me encontro sem um amor que vire meu mundo de cabeça para baixo. O mais cardíaco e melancólico sentimento não sustenta o filme de Carlitos. Entre uvas meio verdes, nada me acalma. Ontem, palavras torpes seduzidas pela novidade debilitaram meus ouvidos crédulos. A geometria do amor medirá o contorno da lembrança. Garatujas do vir-a-ser.

Sim, Carlos, acreditei no futuro, como

uma analfabeta que guarda o livro que acabou de ganhar para o dia em que as palavras fizerem sentido. Jamais farão. Amor é bicho instruído que desaprende com o passar do tempo. A felicidade é devastadora. Não dura mais do que os minutos que leva o rapaz de motocicleta para entregar a refeição cujo sabor ignora. Em isolamento, aguardo-o. Quase um namorado na fumaça onírica da incerteza.

Sou a tola que observa da janela os mascarados caminhando no parque. O amor em cima da árvore olha-me de soslaio. Essa ferida que dizes às vezes não sarar não vai sarar amanhã. Amanhã será no próximo ano. Não

esperes que beijos se beijem ou que mãos se conversem. Não há abraços para quem viaja sem mapa à procura de um raciocínio sobre a indolência do relógio. Abraços e beijos tornaram-se promessas na tela do computador.

Revelada pelo poema que se me apresenta ao abrir teu livro na página 105, mantenho-me fora de alcance. Os dias, dentro de casa, neste país enfermo, suportarei em silêncio e subserviente aos preceitos do não-amor. Juro que sim. Juro que não. Minha natureza enxadrística admite o risco.

Caríssimo poeta, eu também vejo muitas outras coisas que não ousou compreender...

# ONTEM E HOJE

Arlete Sylvia

**E**ra um casarão: sala, alcova, sala de jantar, um corredor com cinco quartos ao lado, depois a despensa para guardar os alimentos e a cozinha.

Havia ainda um lindo pomar onde se podia encontrar variadas e saborosas frutas como: sapoti, graviola, jambo, tangerina, vários tipos de bananas, além de outras.

Na casa moravam 17 pessoas, ou seja, o pai, a mãe e mais 15 filhos. Eram tempos felizes nos quais mesmo morando no centro da cidade, se podia deixar portas e janelas abertas durante o dia ou à noite sem nenhuma preocupação.

Próximo havia um posto policial, mas a finalidade principal era receber os índios, quando estes precisavam vir à cidade para tratar da saúde (Há uma lenda que os índios escutam de longas distâncias colocando o ouvido no chão.) Verdade ou não, o certo é que uma das filhas, a título de brincadeira falou para a mãe:

“AMANHÃ OS ÍNDIOS VIRÃO TOMAR CAFÉ COM A GENTE.”

A mãe repreendeu a filha pela brincadeira, mas ACONTECEU.

Como a família era grande, a porta via sempre encostada para facilitar a entrada e saída de todos. Isso permitiu a entrada dos índios. Eram 7 horas da manhã quando mais ou menos uns 20 índios adentraram a casa, todos em fila e falando ao mesmo tempo sem que

a família entendesse nada. Foram se servindo do que tinha sobre a mesa. Enquanto isso um dos filhos menores correu até o posto policial para pedir ajuda.

Os índios se encantaram com pentes, brincos, correntinhas de ouro e outros objetos que eles acharam bonitos e foram pegando e sorriam felizes em sua inocência, é que nessa época os índios não eram como os de hoje, as coisas mudaram muito.

Todos da casa choravam sem saber o que fazer até a chegada do policial que os levou de volta. “QUE ALÍVIO!...” Tudo resolveu pacificamente já que a pessoa sabia se comunicar com eles. A mãe deu um sermão na filha mas depois todos riram a valer.

O chefe da família era um Engenheiro, homem íntegro, de porte muito elegante, alto, moreno claro, bonito, usava sempre um chapéu de massa que era o chique da época, bem como uma bengala com fios dourados que também era o charme dos belos cavalheiros.

Todos os dias, ao final da tarde lá vinha ele com toda a sua elegância e era recebido com toda a alegria por toda a família.

De repente a vida começou a tomar outro rumo. A filha mais velha casou, ficou grávida e soube que sua mãe também esperava outro filho. Foi uma ocasião muito estranha, o sobrinho seria mais velho que o tio.

À noite as famílias reuniam-se sentadas à porta de suas casas para conversar, enquanto as crianças brincavam de roda, cantando mú-

sicas folclóricas, Pira, Macaca e outras brincadeiras da época, tempo em que as crianças eram crianças, viviam felizes, iam sozinhas para as escolas que sempre eram pertinho de suas casas, levavam apenas um livro e um caderno. Aos sábados tinham aula de leitura e taboada, e quando jovens já possuíam uma cultura invejável.

Depois o patriarca ficou doente e mesmo com toda a assistência não resistiu e veio a falecer. No momento já estavam casados mais um filho e duas filhas. A mãe, mulher que sempre foi boa mãe e ótima dona de casa, estava despreparada para a vida, pois sempre foi dependente dos atos do marido, mas com o conforto dos filhos foi aprendendo a começar uma nova vida.

Vendeu o casarão e comprou uma casa menor, já que agora a família estava menor. O filho mais velho contraiu uma doença e também faleceu. Antigamente era norma quando o pai morria, um dos filhos homens assumir o lugar do pai. E assim foi, o filho mesmo ainda não formado em engenheiro foi aceito mas envolvido com bebida acabou perdendo o emprego. A mãe, com a pensão deixada pelo marido tocava a vida, mas por falta de experiência foi se descontrolando e teve que mudar para outra casa ainda menor.

Pela angústia e saudade do companheiro e muitas preocupações teve um mal súbito e veio a falecer.

Nesse momento já havia somente três crianças de 10, 8 e 6 anos que foram acolhidas pelas irmãs casadas. Eram duas meninas e um menino. Este formou-se médico e foi morar fora do País, as moças também fizeram curso superior, casaram e construíram suas novas famílias.

Mas aí os tempos eram outros, tudo diferente, não havia mais aquela tranquilidade dos tempos atrás. Já moravam em apartamentos, onde as pessoas vivem isoladas, crianças não brincam mais de Roda, Pira e Macaca. Estudam em colégios longe de casa, por isso têm que ir de carro, suas mochilas carregam entre 5 e 10 quilos de material pelo que talvez, no futuro esses adolescentes poderão vir a ter problemas de coluna. Mas é o progresso chegando com uma velocidade assustadora, e isso todos sabemos que é necessário, então teremos de nos acostumar com todas essas transformações.

## PRESSÁGIO

*Fagundes de Oliveira*

★ 15.6.1935

†23.10.2024

Ao me apagar a luz desta jornada  
Aqui na terra agora percorrida,  
Num plano diferente desta vida  
Vou prosseguir na minha caminhada.

À imensidão cerúlea e iluminada  
A lira cantarei, glória sentida,  
Em loas da jornada aqui vivida,  
Na esfera sideral, abençoada.

A glória é manifesta, sem cobiça.  
Fecho a cortina assim, serenamente,  
Com gosto de verdade e de justiça.

Terei a essência cósmica do verso  
Colhido à humanidade, plenamente,  
Na dimensão etérea do Universo.